

Dossiers & Factos

DIRECTOR: Seródio Tovo | Segunda-Feira, 20 de Janeiro de 2014 | Edição n.º: 63 | Ano: 02 | Tiragem: 7500 exemplares

PREÇO 30,00 MT

TIDO COMO TRAIADOR DA PÁTRIA



Chissano pede perdão para Uria Simango

Aniversário de Guebuza em turbulência

Edson Macuácua e Alice Mabota em guerra

EDITORIAL

Crescimento exige mudanças e dinamismo!

Estamos no início das actividades do ano 2014 época que traçamos como sendo de consolidação do nosso, vosso jornal Dossiers & Factos.

A consolidação do jornal deve ou precisa de um acompanhamento que passa necessariamente por um trabalho cada vez mais e melhor visando fazer chegar ao nosso público leitor informação credível, de e com qualidade necessária.

É dentro deste contexto que passado aproximadamente um ano e três meses de existência, decidimos dar uma viragem naquilo que é a imagem do jornal, procurando melhorar a qualidade gráfica.

Assim, procurámos uma nova empresa para as impressões semanais do jornal para que o nosso produto final seja de uma qualidade competitiva e dê prazer aos seus fazedores, assim como aos destinatários últimos, no caso, os leitores.

Desde o lançamento do Dossiers & Factos em Setembro de 2012, as nossas atenções estiveram viradas para a introdução do produto no mercado nacional de comunicação social, consolidar a marca e conquistar espaço devido no panorama dos média. Esta missão incluía claro, mostrar e habituar os nossos leitores a linha editorial do nosso semanário.

Reconhecemos e sentimos com muita preocupação que os nossos leitores em algum momento viram-se obrigados a forçar a vista para enxergar as letras de alguns artigos nossos, assim como a fazer um exercício mental para perceber algumas passagens, devido a má qualidade de impressão gráfica.

Esta situação que aliás, veio a repetir-se na nossa edição passada, para além de ferir os nossos estimados leitores, colaboradores e clientes, também criava dissabores à própria equipa de trabalho.

Depois de despenderem as suas energias com vista a assegurar a produção de um jornal de qualidade, os repórteres e a restante equipa deste jornal foram brindados por uma impressão muito má.

Contudo, é da nossa responsabilidade endereçar aos estimados leitores, colaboradores e clientes, um sincero pedido de desculpas pelo constrangimento.

A melhoria da qualidade de impressão do Dossiers & Factos para nós revela-se como um dos desafios que nos propusemos a seguir, assim como enfrentar ao longo do caminho que decidimos trilhar. Nesta empreitada não damos lugar à ilusão, pois estamos bem cientes das dificuldades que nos esperam derivadas, na sua maioria, da própria natureza do mercado.

Humildemente como sempre, continuamos a contar com a vossa contribuição. Estamos abertos a críticas, análises e observações tal como o fizeram desde princípio.

Porque não só precisamos de mudar a imagem do jornal através da qualidade de impressão, este semanário conheceu também, certas alterações em termos de paginação e distribuição da informação.

Num futuro próximo, novos temas serão incorporados neste jornal tudo na perspetiva de oferecer ao estimado leitor mais informação e com cada vez mais qualidade.

Esperamos que com o nosso trabalho melhorado estaremos a levar ao público um jornal de qualidade e desta forma contribuir para a dura missão de informar, formar e educar a sociedade. Esperamos que através deste nosso esforço, contribuamos para o desenvolvimento são e harmonioso desta bela Nação. A melhoria da qualidade gráfica do Dossiers & Factos significa um verdadeiro crescimento, factor que exige de nós, mudanças e dinamismo.

CHISSANO EM ENTREVISTA AFIRMA:

“Não era só a Mondlane que queriam matar”

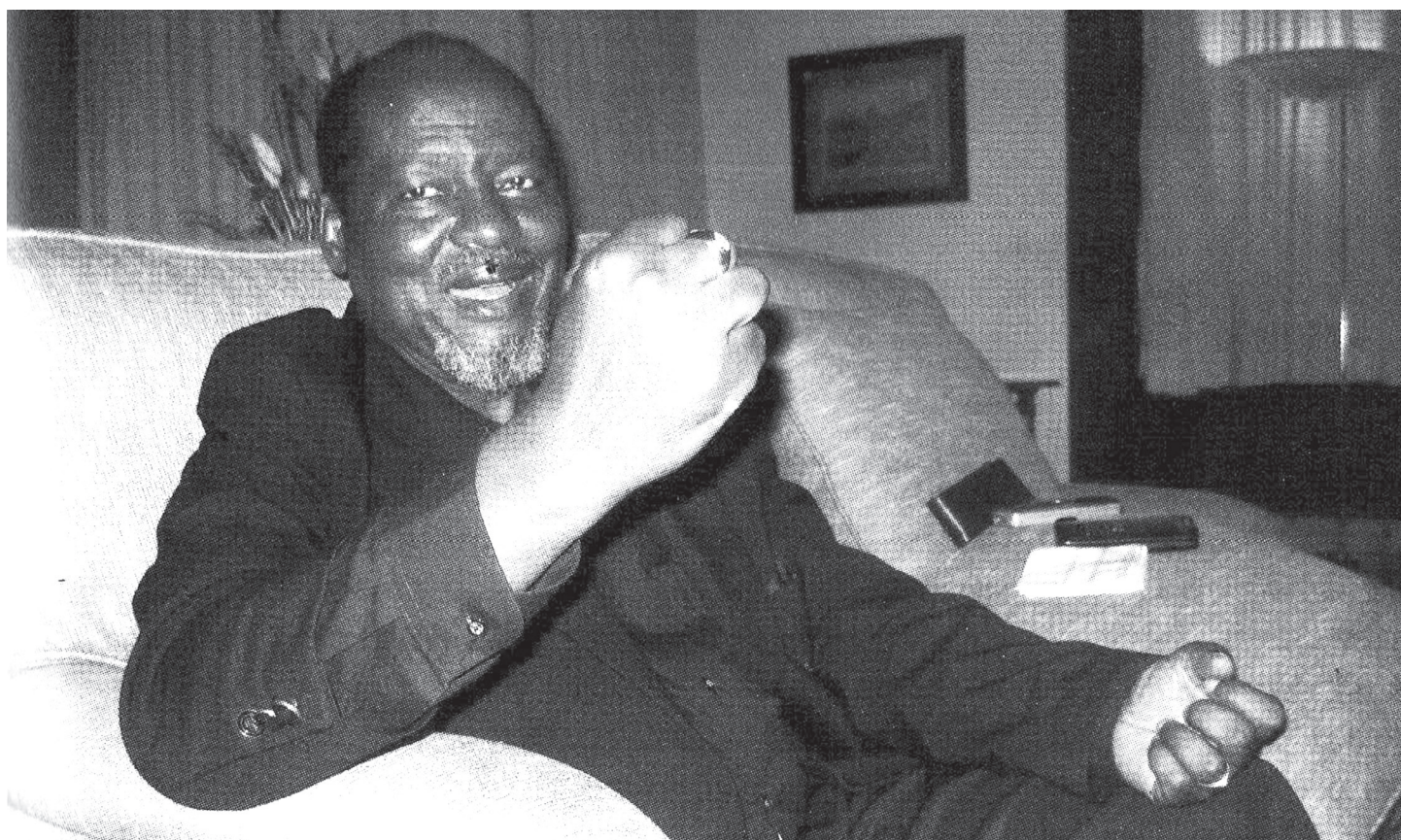
Mas, ciente de que os homens, filhos de Deus, cometem pecados muito graves, peço a Deus que o perdoe e que a sua alma descanse em paz

Tal como o fizemos na nossa edição da semana passada, no âmbito da publicação de dossiers que retratam acontecimentos que marcaram a história do País, na presente edição trazemos depoimentos de Joaquim Alberto Chissano, outra figura emblemática e incontornável desta odisseia que levou o país à independência nacional do jugo colonial português. Chissano, é uma das pessoas que trabalhou com Eduardo Mondlane, fundador da FRELIMO, até à sua morte a 3 de Fevereiro de 1969. Foi secretário do então Presidente da FRELIMO e responsável pela segurança, na altura da Luta de Libertação Nacional. Esta entrevista foi extraída do livro “Memórias da Revolução 1962-1974”, uma colectânea de entrevistas com diversas personalidades. De referir que, até finais do mês de Fevereiro próximo, mês dos heróis moçambicanos, o Dossiers & Factos, dedicará páginas de entrevistas a alguns heróis da pátria.

Nachingwea (N): Senhor Presidente, bem-vindo ao espaço de memórias do jornal Nachingwea. Em primeiro lugar, gostaríamos de saber como foi a sua infância.

Joaquim Chissano (JC): Nasci em Maleice, a 17 km da sede do distrito de Chibuto, província de Gaza, onde o meu pai era professor na Missão Católica local. Mais tarde ele foi à procura de melhores condições de trabalho na vila de João Belo, actual cidade de Xai-Xai. Quando chegou a altura de eu ir a escola, ele levou-me para lá. Fiz a escola primária numa escola oficial. Quando ainda estava na primeira classe, ele foi transferido para o Posto Administrativo de Chongoene, situado a 17 km de Xai-Xai, como intérprete. Deixou-nos a mim e o meu irmão mais velho, ao cuidado de uma família amiga, que eram seus compadres. Nessa época, eu passava as férias em Xai-Xai, Chongoene ou Maleice. Numa dessas férias, em Chongoene, quando andava na 4ª classe, em 1950, o meu pai mostrou-me um jornal onde se falava de um português de cor (negra) que tinha ido a Portugal para fazer estudos superiores e que antes tinha sido expulso da África do Sul, e que já estava nos EUA.

O meu pai deu-me o jornal para ler e interpretar, e ficou comigo até a madrugada para que eu percebesse o valor daquele homem negro.



N: Quem era esse homem que lhe tinha impressionado bastante?

JC: Esse homem era não mais, nem menos que Eduardo Mondlane. Portanto, comecei a ouvir o nome de Eduardo Mondlane nessa idade dos 11 anos. Depois de terminar a escola primária, vim para cá, ex-Lourenço Marques, para fazer o liceu.

Durante o tempo em que estive no liceu, eu era o único negro e tive contacto com os outros estudantes negros que andavam nos colégios priva-

dos e na Escola Técnica (comercial e industrial) e alguns deles eram da Igreja Presbiteriana, que chamávamos Missão Suíça. Foi nesse contexto que me integrei no Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM), de que tive conhecimento através de um tal Caifaz Muzima, estudante do Colégio Pedro Nunes. No Núcleo, fiquei a saber que o seu fundador tinha sido o tal homem negro, Eduardo Mondlane.

N: Em que momento come-

ça a ouvir a falar de Mondlane no processo de libertação?

JC: Enquanto eu estava em Portugal a estudar, desencadeia-se a luta de libertação de Angola, a 4 de Fevereiro de 1961. Nessa mesma altura, Eduardo Mondlane, então funcionário da ONU, prepara-se para vir a Moçambique de visita.

Depois dessa visita, retornou aos EUA e, a partir de lá, estabeleceu contacto indirecto connosco, através de organizações religiosas da Suíça e da

França, o que culminou com a sua participação na organização da fuga dos estudantes das colónias portuguesas para a França. Ele foi determinante para a saída de todos nós. Disseram-me que inicialmente, aquela organização pretendia tirar apenas os estudantes do grupo protestante. Mas Mondlane, claro do que pretendia, disse “não, está errado, todos devem sair”. Foi assim que sai, não sendo protestante, consegui sair com eles.



DESTAQUE

Mondlane foi desconfiado como funcionário da CIA

N: Em Paris, o que é que ele vos transmitiu? Falou-vos da preparação da luta armada?

JC: Em Paris, Mondlane queria falar connosco todos, portanto, incluindo os de outras nacionalidades. Mas houve os que não queriam ser contactados por ele, julgando que por ter uma mulher branca americana, podia estar ao serviço da CIA, com o fim de espiar e desviá-los do seu objectivo de aderir a luta. Portanto, quando ele chegou, uma grande parte dos estudantes das outras colónias abandonou o lar onde nós estávamos. Uma grande parte dos angolanos, por exemplo, excepto os protestantes, foram para o Gana para se encontrarem com o MPLA. Contudo, nós os moçambicanos, não saímos, porque queríamos estabelecer contacto com o nosso Movimento de Libertação. Queríamos saber o que deveríamos fazer para participar na libertação do nosso País. Já tínhamos conseguido o contacto com Marcelino dos Santos que em resposta ao nosso pedido, veio a Paris donde partiu para Dar-es-salaam. Embora a luta armada fosse uma possibilidade, Mondlane ainda pensava em insistir nas outras formas de luta. Não foi por acaso que não quis que de entre os Departamentos da FRELIMO, houvesse um Departamento de guerra ou um Departamento que se chamasse militar. Ele quis, pelo contrário, que tivéssemos um Departamento de Defesa e Segurança, pois não só iríamos a luta armada se guerra nos fosse imposta pelo colonialismo, como aconteceu.

N: Que argumentos concretos trazia Eduardo Mondlane?

JC: Trazia bolsas de estudo para quem quisesse continuar a estudar, porque ele acreditava que tínhamos que estar preparados para fazer uma luta eficaz e tomarmos a direcção do País quando alcançássemos a independência. É assim que ele expõe a questão de fundo, a necessidade da Unidade Nacional. Já havia alguns movimentos de libertação, a UDENAMO, UNAMI, e a MANU. Foi daí que tomámos a decisão de que nós, estudantes moçambicanos, no exterior, não devíamos aderir a um ou



ao outro movimento, mas antes devíamos tudo fazer para unificá-los. Tínhamos tirado lições da divisão das forças libertadoras em Angola (MPLA e UPA), uma divisão que se reflectia na divisão entre os estudantes que estavam connosco. Eduardo Mondlane trazia o mesmo sentimento e encorajou-nos a seguir esse caminho juntamente com ele. Decidimos que só haveríamos de aderir a uma frente unida.

N: Como é que pensavam conseguir a unidade?

JC: Na sequência desta constatação, eu fui enviado pelos meus colegas a Dar-es-salaam para persuadir os dois movimentos a unirem-se. Fui para lá nas férias da Páscoa de 1962. Depois dessa missão em Dar-es-Salaam, fui encontrar-me com Mondlane nos EUA. Mais tarde ele passou de novo por Paris, já a caminho de Dar-es-salaam. Foi nessa ocasião que se criou a FRELIMO de uma maneira oficial, a 25 de Junho de 1962, já que tinha havido um anúncio prematuro da sua criação por parte dos dirigentes da UDENAMO e da MANU, apenas para poderem ser admitidos numa conferência Pan-Africana que ia realizar-se no Gana.

N: Depois da missão em Dar-es-salaam, foi avistar-se com Mondlane nos EUA...

JC: Pois, fui ter com ele nos EUA e retornei à França, de onde fui chamado a Dar-es-salaam, em meados de Setembro de 1963,

onde me encontrei com Eduardo Mondlane de novo. Ele recebeu-me com uma reunião do Comité Central. Na sequência dessa reunião, ele incumbiu-me a ser assistente na condução do Departamento de Educação de que ele era Secretário e foi no exercício daquela função que entendi melhor a sua grande preocupação em utilizar a Educação com uma das armas mais importantes na luta pela independência nacional. Ele tinha em conta que tínhamos de participar na luta diplomática e política, e que mesmo na luta armada, era preciso termos pessoas com certa formação académica. E não foi por acaso que ele e sua esposa fizeram contactos nos EUA para angariar fundos para a construção da primeira escola secundária da FRELIMO.

N: Por quê o processo de união levou muito tempo para se consolidar?

JC: Os Moçambicanos não se conheciam, conheciam muito mal o seu próprio País, mas tinham um denominador comum: o sentimento que tinham de serem oprimidos pelo mesmo colonialista. Portanto, quando se falava de colonialista sabia-se quem era. Portanto, a noção de Moçambique foi sendo introduzida a muitos moçambicanos pelo próprio processo da luta de libertação. O processo de libertação não foi só com armas, mas foi criar alguma lucidez nas pessoas, para começarem a ver claro... Nós somos um caso "suis ge-

neris". Há muitos países africanos que fizeram grandes esforços de unificação, alguns dos quais trilham caminhos semelhantes ao nosso, mas que não conseguiram a unidade. Tais são os casos do Congo, Nigéria, e Quênia, Guiné-Bissau e Angola onde houve guerras de grupos posicionados segundo motivações tribais.

N: Eduardo Mondlane morreu numa altura em que havia acção das forças hostis no seio do movimento. De que resultavam esses desentendimentos?

JC: Na verdade havia infiltração, agitação e actividades psicológicas no seio do movimento, desencadeadas por organizações portuguesas, muitas vezes não identificáveis. Até pseudo-desertores apareciam lá com o objectivo de assassinar este ou aquele dirigente, incluindo Samora Machel. Mas a sua pergunta, se entendi, refere-se a uma altura em que estavam à procura de eliminar o Presidente Mondlane. Ora, nessa altura, um grupo de moçambicanos reunia-se regularmente em Mtwara discutindo as formas de eliminar Mondlane, incluindo a busca de curandeiros numa ilha chamada Mafia, no Sul da Tanzânia, que pudessem arranjar feitiços para o matar. Mas também criaram aquilo que eles designaram em Swahili de "Kamati ya mabarabara" isto é, "Comité das Ruas" para o vigiar a fim de o assassinar. Isso levou-me, na qualidade de responsável pela segurança, a tomar medidas para

impedir que Mondlane andasse sozinho. Mas ele não temia nada, e por isso, nem sempre cumpriu o meu conselho. É assim que no dia 3 de Fevereiro, ele foi sozinho para o escritório, de onde partiu sozinho para o local onde a bomba explodiu. Portanto, acreditei sempre que havia pessoas no seio da FRELIMO que estavam a conspirar com a PIDE, porque esta queria que Eduardo Mondlane fosse eliminado no seio do Partido. Não era só a eliminação do Presidente que lhes interessava, mas sim a implosão dentro do Partido. Aquela bomba alcançou Eduardo Mondlane, mas a ideia era alcançar todo o movimento. Então terão feito de tudo para que a desgraça fosse deflagrada por moçambicanos, entre os moçambicanos.

N: Como é que se dá o assassinato de Eduardo Mondlane?

JC: Em 1969, numa Sexta-feira, eu estive com Eduardo Mondlane num encontro com um cidadão polaco, numa praia na Tanzânia. Esse polaco era mergulhador que apanhava conchas marinhas. Queríamos que ele treinasse os nossos homens como mergulhadores para sabotarem os navios que traziam armamento e munições de Portugal ou de Lourenço Marques, ou ainda realizar acções na base militar lacustre de Metangula. Mas, na mesma sexta-feira, tínhamos tido um encontro com o vice-presidente da Tanzânia, Rashidi Kawawa, no qual decidimos que segunda-feira, eu iria ter com ele antes de ir encontrar-me com o Presidente Mondlane, lá onde acabaria por encontrar a morte. Portanto, nessa segunda-feira, não passei pelo escritório, fui directamente para onde ele se encontrava, para lhe entregar o correio que tinha chegado. Acredite que, se estivesse ido ao escritório, teria sido eu a abrir o correio. O que não sei é se o livro que continha a bomba mortífera me teria sido entregue ou não. Portanto, entregaram-lhe o correio que estava na minha mesa e esse livro armadilhado não estava ali. Segundo apuramento das investigações, este livro bomba foi entregue quando ele já estava no seu carro, Volkswagen, prestes a arrancar para a casa da praia.

Depois da morte de Mondlane, Chissano, ficou sob custódia policial

N: Como é que soube da morte. Consta-nos que foi a primeira pessoa a saber do acontecimento?

JC: Quando cheguei ao es-

critório da FRELIMO, recebi o telefonema da Bety King, uma americana que era funcionária no Instituto Moçambicano, a perguntar-me onde estava o Eduardo. Respondi que não sabia. Então

ela perguntou, "ele teria estado na minha casa?", e eu respondi que sim. Disse-lhe inclusive que estava a preparar-me para ir para lá, e que me tinham dito que já tinha passado pelo escritório e

lhe tinham entregue o correio que eu vinha buscar. É quando ela diz: "estou a telefonar-te porque alguém disse que ouviu uma grande explosão na minha casa, depois de terem visto o carro da-

quele Doutor negro a ir para lá..."

Como estávamos sob alerta, por causa daquela história dos "Comités de Rua", suspeitei que



DESTAQUE



tinha sido uma granada, que atiraram contra ele. Comecei a avisar os outros enquanto seguia para lá para ver o que se tinha passado. Lá encontrei o coronel Ali Mahfoud. Espreitámos por fora da casa com os vidros estilhaçados. Vimos o corpo do Presidente dilacerado, dividido ao meio. Era horrível e é primeira, não tive coragem de olhar para mais detalhes.

Depois de nós, chegou a polícia e, mais tarde chegou Uria Simango. Foi nessa altura que, enquanto a Polícia percorria todos cantos, vi os detalhes que não quero descrever. Posso apenas falar de pedaços de papel torcidos que a polícia foi apanhando de uma maneira selectiva.

N: Que procedimentos foram tomados de imediato, no quadro da investigação?

JC: A polícia recolheu o corpo e todos os detalhes, e eu fui posto sob custódia com o fundamento de que eu tinha sido o primeiro moçambicano a chegar ao local do crime. Mas, logo depois, o responsável da polícia descobriu que eu era o elemento mais importante para ajudar na investigação, porque era responsável da segurança da FRELIMO. Aliás, eu devia integrar a equipa de investigação, concluíram eles.

N: Quais foram as primeiras pistas que acharam?

JC: Fomos aos armazéns militares da FRELIMO, em Dar-es-Salaam, que se encontravam no quartel tanzaniano, no “Colito Baracks” na estrada de Morongo, ver se havia detonadores iguais àquele, cujo invólucro rasgado pela explosão ainda mostrava inscrições bem visíveis. Fomos ver

nos armazéns da tropa tanzaniana e dos outros movimentos de libertação, mas não achamos nada parecido. Fomos para Nachingwea, não encontramos nada semelhante. Porém, no fim da investigação concluiu-se que era um detonador comum na NATO e lançou-se o caso à Interpol que descobriu que a bateria eléctrica tinha sido fabricada no Japão e pertencia a um lote de baterias importadas para a cidade da Beira. Descobriu-se, igualmente, que a bomba tinha sido fabricada na Beira, mas tudo tinha sido feito para parecer que ela vinha pelos correios, razão pela qual o papel de embrulho ostentava um carimbo parecido com os carimbos dos correios russos, com inscrições em língua russa. Chamei atenção ao inspector da polícia sobre os detalhes das letras que me pareciam imperfeitas, já que eu conheço o alfabeto russo e começaram a investigar este

aspecto. Confirmou-se na Embaixada Soviética que aquele carimbo era falso. Não recordo se era papel de embrulho ou o fio usado para amarrar que não era autêntico. Essa foi mais uma das minhas contribuições para a investigação, para além dos itinerários percorridos, incluindo a região de Mtwara.

N: Com estes elementos, o que se pôde concluir?

JC: Uma vez detectado isso, foi preciso ver como é que uma bomba daquelas poderia ser construída. Ai, Ali Mahfoud foi ter com aquele polaco, que também trabalhava com explosivos por baixo da água. Depois de observar atentamente os pequenos pedaços distorcidos do livro de Plekanov recolhidos pela polícia e depois de observar os outros livros iguais enviados sem explosivos, desta feita pelos correios, creio que, para

despistar, ele disse que era fácil preparar uma bomba daquelas. Ele reconstituiu o livro, que bastava abrir um pouco para acontecer a explosão. A partir das informações de que o livro não estava junto com outro correio, que estava na mesa do Gabinete do Presidente, que tinha chegado pelos CTT, foi descoberto que teria vindo dum ponto perto do Lago Niassa até Mbeya, Tanzânia, e teria sido entregue a alguém, que, por sua vez, o trouxe a Dar-es-salaam. Daí, terá sido entregue a uma outra pessoa que o terá feito chegar ao Presidente.

Depois soubemos que o livro não fora entregue a Mondlane dentro do escritório, mas sim, no carro. A polícia deduziu que assim procederam, porque se tivesse sido entregue no escritório haveria o risco de ele ser aberto na presença de outras pessoas, incluindo aquela pessoa que fez a entrega, e morreriam todos.

Chissano pede perdão para Uria Simango

N: Confirma-se que Simango esteve envolvido no assassinato?

JC: Sabíamos que Uria Simango, Silvério Nungo, Lázaro Kavandane e Gwenjere seriam partes deste “complôt” para assassinar Mondlane. Porém, não posso determinar ou saber o seu grau de envolvimento neste assassinato em si. Tudo se baseia no itinerário do livro e no grupo “Comités de Rua” ligado a Kavandane, que depois foge para Moçambique para colaborar com a PIDE. Estas são as pessoas que a polícia tanzaniana não conseguiu excluir. Muitas das passagens desta investigação, o senhor Sawaya, Inspector-Geral da Polícia de Investigação Criminal da Tanzânia, viria a repeti-las em Moçambique sempre

que eu me encontrasse com ele, durante o tempo em que ele trabalhou cá para a Federação Luterana. O seu adjunto, o senhor Manikam também me repetiu algumas passagens e as suas análises, quando o encontrei em algumas ocasiões na Tanzânia.

N: Há informações que indicam que houve uma reunião do Comité Central na qual Simango confessou o seu envolvimento nesse crime...

JC: O que me recordo é que numa reunião do Comité Central, em Nachingwea, Uria Simango confessou que estava magoado pelo tratamento que Mondlane lhe dava. Admitiu que tinha ambição de ser Presidente e justificou que ter ambição era normal para qualquer pessoa. Revelou ainda que ele

se sentia ameaçado nas vésperas do II Congresso da FRELIMO, que foi boicotado pelo grupo de Kavandane e que se realizou na Província do Niassa, em 1968. Não me lembro de o ter ouvido a confessar o seu envolvimento directo no assassinato. Porém, depois desta reunião do Comité Central, ele nunca mais aceitou participar nas reuniões do triunvirato (o Conselho de Presidência de que Simango, Samora Machel e Marcelino dos Santos faziam parte), do Bureau Político ou do Comité Executivo.

N: Soube que a partir de Lourenço Marques, Simango terá pedido aos sul-africanos para invadirem Moçambique, por contestar os acordos de Lusaka?

JC: O que posso confirmar

é que tive informação de várias fontes sobre a presença de Uria Simango nas reuniões daquele grupo que tomou a Rádio Moçambique, no dia 7 de Setembro de 1974, após a assinatura dos Acordos de Lusaka. Recentemente, chegou-me a chocante informação de que Uria Simango e Paulo Gumane teriam participado na delegação dos portugueses e moçambicanos que foram pedir a intervenção sul-africana para impedir que a FRELIMO tomasse o poder. Com tal informação, ficou-me reforçada a imagem de Uria Simango como um grande traidor. Até aqui, eu tinha-o como traidor, primeiro porque, como vice-presidente da FRELIMO e, mais tarde, coordenador do Triunvirato, empenhou-se na destruição da sua própria organização, escrevendo nos jornais

grandes artigos contra ela, ao mesmo tempo que rejeitava o diálogo com os seus colegas da Direcção. Segundo, porque veio juntar-se aos portugueses que combatiam a sua própria organização antes da assinatura dos Acordos de Paz a ponto de caminhar com eles até à tomada da Rádio Moçambique, numa tentativa de obstruir a proclamação da independência. Mas, ciente de que os homens, filhos de Deus, cometem erros, digamos pecados muito graves, peço a Deus que o perdoe e que a sua alma descanse em paz, porque creio que não há pecado que não possa ser perdoado por Deus, quando o homem se arrepende, mesmo quando os outros viventes não conheçam esse arrependimento perante o Altíssimo.

Parte da Bibliografia de Joaquim Chissano

Joaquim Chissano nasceu em Maleice, distrito de Chibuto, na Província de Gaza, a 22 de Outubro de 1939, onde fez parte dos estudos primários. Chissano foi primeiro negro a matricular-se no Liceu Salazar (actual Escola Secundária Josina Machel, em Maputo), em 1951, onde fez os seus estudos secundários. Foi em Lourenço que integrou o Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique, do qual teve conhecimento através de Caifaz Muzima, estudante do Colégio Pedro Nunes.

Em 1960, partiu para Portugal para cursar medicina, mas

abandonou este País, em 1961, devido à perseguição da PIDE, tendo-se juntado à FRELIMO, em 1963. Enquanto estava em Portugal a estudar, desencadeou-se a Luta de Libertação de Angola, acontecimento que aumentou a sua consciência nacionalista. Na sequência da perseguição da PIDE, Chissano refugia-se na França. Nas férias da Páscoa de 1962, recebe mandato de jovens nacionalistas moçambicanos em Portugal para ir a Dar-es-salaam, para persuadir os movimentos nacionalistas a unirem-se. Saiu definitivamente da

França para Tanzânia, em meados de Setembro de 1963, onde se tornou assistente de Mondlane na condução do Departamento de Educação de que ele era Secretário. Ele foi Secretário de Eduardo Mondlane e responsável pelo Departamento de Segurança da FRELIMO. Em 1974, com apenas 35 anos de idade, Joaquim Chissano tornou-se Primeiro-Ministro do Governo de transição, depois da proclamação da independência, foi nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros. Com a morte do Presidente Samora Machel, em 1986, foi nomeado Presidente

de Moçambique. Em 1994, na sequência da vitória nas primeiras eleições gerais no País, Chissano é investido ao cargo de Presidente da República, renovando o mandato em 1999, depois de ter vencido as segundas eleições multipartidárias. Joaquim Alberto Chissano deixou, a seu pedido, a Presidência da Frelimo e do Estado moçambicano em 2004 e 2006, respectivamente, invocando o facto de ter permanecido muito tempo na Direcção destes. Com efeito, o Comité Central aceitou o pedido, designando-o, porém, Presidente Honorário

da FRELIMO. Desde que deixou a Presidência da República, Joaquim Chissano tem se dedicado a actividades internacionais de gestão e resolução de conflitos, em missões de paz da ONU, União Africana e SADC para o restabelecimento da paz em zonas de conflitos. Dedicou-se também a diversas actividades ligadas ao desenvolvimento social do País, através da Fundação Joaquim Chissano. Em 2006 recebeu o prémio “Mo Ibrahim”, pela sua excelente governação durante o tempo em que dirigiu a Nação Moçambicana.